



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

COMO SERÁ O AMANHÃ

Juventude, exclusão social e construção simbólica do futuro no Grande Recife

Mónica Franch¹

A dimensão do futuro é um dos principais focos do debate em curso sobre as mudanças nas temporalidades contemporâneas e uma das preocupações sociais mais acionadas quando o assunto é juventude. Com efeito, junto com uma relativa licença para aproveitar o presente, a preparação para o futuro é um dos significados mais comumente associados a essa idade da vida, sobretudo quando enfatizamos seu caráter de transição para o mundo adulto. É pensando no futuro que se impõe, ou tenta-se impor, certa disciplina no presente, sem a qual presume-se que os jovens fracassarão em sua tarefa de se inserir satisfatoriamente na esfera do trabalho e de serem responsáveis pelas suas famílias. Contudo, o encurtamento do futuro característico da contemporaneidade põe em questão o papel preparatório que a juventude adquiriu na época moderna, produzindo efeitos sobre as orientações temporais dominantes para cada momento do curso da vida dos indivíduos (LECCARDI, 1991; 2005a). É em relação a esse pano de fundo que busco compreender as expectativas de jovens de periferia, suas imagens a respeito do futuro e as estratégias de que lançam mão para construir seu amanhã.

Os dados que constituem a base empírica deste trabalho provêm de pesquisas desenvolvidas nos anos de 2001 a 2007, em três bairros populares do Grande Recife. A reflexão sobre o futuro está inserida num esforço maior de compreender os usos e sentidos do tempo desses jovens, que redundou em minha tese de doutorado (FRANCH, 2008). O trabalho de campo, de cunho antropológico, incluiu observação direta nos bairros, escolas, centros profissionalizantes e outros espaços de socialização juvenil, além de entrevistas e grupos de discussão com um total de 45 jovens. Foram igualmente aplicados 48 questionários abertos em uma das localidades pesquisadas².

¹ Professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ.

² Os questionários, bem como boa parte das entrevistas e grupos de discussão realizados entre 2001 e 2004, faziam parte da pesquisa internacional *Os jovens e a cidade: habilidades, conhecimentos e reprodução social*, promovida pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague em três cidades “do Sul”: Recife, Hanoi e Lusaka. Em Recife, a pesquisa foi desenvolvida pelo PPGA da UFPE, sob coordenação de Parry Scott e de Anne Line Dalsgaard. Algumas das entrevistas utilizadas neste artigo



O trabalho está dividido em três partes. Na primeira, discuto de que modo as ciências sociais vêm abordando a dimensão do futuro, com foco no debate sobre como os jovens constroem seu porvir. Na segunda parte, mais extensa, proponho uma tipologia de quatro tipos de orientação dos jovens em relação ao futuro, construída a partir dos dados de campo. Finalmente, encerro o trabalho com algumas considerações sobre a temática proposta.

1. Lendo o futuro: anotações para uma abordagem sócio-antropológica do porvir

O futuro traz em si o paradoxo de ser “um objeto real sem realidade” (ARAÚJO, 2005, p.9): embora oriente as ações no presente, sendo, deste modo, uma importante dimensão a ser explorada, não constitui uma realidade palpável e carrega, ainda, a incerteza em seu cerne. Até certo ponto, refletir sobre o futuro é como avançar numa *no man's land*, território incógnito que inevitavelmente nos surpreende, pondo por terra os planos e aspirações que com tanto cuidado traçamos para que guiem nossa caminhada no escuro. Todavia, não é apenas de imponderáveis que o futuro é construído. Aspectos como a origem social, o momento do curso da vida, a experiência geracional e a condição de gênero informam socialmente nossa orientação temporal e, a julgar por alguns autores, tornam o futuro, se não plenamente previsível, muito menos impreciso do que gostaríamos de acreditar.

Alguns estudos enfatizam a ligação existente entre aquilo que os sujeitos projetam para seu futuro e sua posição no espaço social. Já em 1950, Maurice Halbwachs sugeria que o futuro é um horizonte temporal significativo apenas para as classes médias, ao passo que o passado é a dimensão mais acionada pela classe privilegiada e o presente, pelas classes trabalhadoras (*apud* ARAÚJO, 2005, p.28). De forma semelhante se manifestava Richard Hoggart, ao discorrer sobre a orientação temporal dominante na classe trabalhadora inglesa, também na década de 1950: “[...] de uma maneira geral, a natureza imediata e presente da vida nas classes proletárias contribui para que se manifeste uma tendência para gozar os prazeres imediatos,

foram feitas em colaboração com a geógrafa Katherin Gough, que também participou do projeto. Outras entrevistas foram feitas com a antropóloga Anne Line Dalsgaard. Ver mais dados em Hansen (2008).



desencorajando o planejamento em vista de um objetivo futuro, ou de um ideal a atingir” (HOGGART, 1973, p.160).

As diferenças na percepção de futuro a partir da origem de classe foram objeto de várias pesquisas, que costumam confirmar a relação entre tempo e classe social postulada por Halbwachs, notadamente o maior investimento no futuro pelas classes médias e, contrariamente, o encurtamento do horizonte temporal nos grupos populares (LESHAN, 1952; O’RAND; ELLIS, 1974; ver também ARAÚJO, 2005, p.27-30). No estudo de O’Rand e Ellis (1974), a orientação para o futuro aparece, inclusive, como um indicador muito comum de projetos de ascensão social entre jovens de origem trabalhadora. No Brasil, os trabalhos de Cláudia Fonseca (2002, p.133-134) caminham no mesmo sentido, a partir da comparação entre a forma de constituir famílias em grupos populares e nas classes médias. Para essa autora, é entre os segmentos médios onde é possível encontrar uma visão linear do tempo, orientada para o futuro, o que se traduz num vocabulário específico com ênfase na idéia de “investimento” e na família conjugal. Já os grupos populares, devido à instabilidade e fragmentação de seu cotidiano, põem menos fé numa visão linear do tempo, centrando-se no presente e enfatizando as relações dadas (“de sangue”) em detrimento daquelas construídas (“de aliança”).

Indo mais longe, Pierre Bourdieu (2001) considera que o futuro dista de ser uma dimensão aberta, como apregoa a “visão intelectualista da experiência temporal” (p.254). Para esse autor, existe uma adequação entre esperanças e oportunidades, o que faz com que sonhemos principalmente aquilo que estamos socialmente destinados a fazer: “O porvir iminente está presente, imediatamente visível, como uma propriedade presente das coisas, a ponto de excluir a possibilidade de que não ocorra – possibilidade que continua existindo teoricamente” (p.254). De acordo com essa abordagem, projetar-se no futuro somente seria possível para aqueles que estão bem posicionados – e bem ajustados – no jogo social, conhecendo suas regras e conseguindo, deste modo, traçar estratégias efetivas para além do presente. Já os sujeitos mal posicionados, notadamente aqueles que se situam nos segmentos do subproletariado, não possuem qualquer controle sobre seu porvir, lançando mão de expedientes fantasiosos, usualmente desconectados da dimensão do cotidiano.



Para os “homens sem futuro” de Bourdieu, os sonhos inatingíveis tomam o lugar dos projetos e as pessoas não são capazes de interferir em seus próprios destinos, vivendo num presente permanente e plano. Contudo, o aumento da incerteza nos tempos atuais parece ter tornado cada vez mais comum a experiência de “falta de futuro”, aproximando assim as orientações temporais dos jovens das classes médias e das classes trabalhadoras. Se usarmos a terminologia de Pierre Bourdieu, tudo indica que o “jogo social” perdeu o caráter auto-evidente, tornando mais difícil a adequação entre expectativas e oportunidades. O que está em questão é a persistência ou a ruptura da percepção linear do tempo que foi construída ao longo da modernidade e como isso afeta os sujeitos de acordo com certas propriedades como a origem de classe, sua condição de gênero e sua geração.

Levando em consideração essas reflexões, neste trabalho não busquei relacionar causalmente presente e futuro nas trajetórias juvenis, apontando fatores que levariam ao sucesso ou ao fracasso na inserção social dos jovens. Com exceção daqueles jovens que já morreram³, todas as narrativas que colhi em campo se encontravam em aberto, e cada recorte na vida dos jovens era o futuro de um momento anterior, ao mesmo tempo em que abria novas janelas para o desconhecido. Mesmo aquelas carreiras que pareciam mais definidas estavam sujeitas a reviravoltas inesperadas, das quais provavelmente eu jamais tomaria conhecimento.

Ao centrar meu interesse na dimensão do futuro busquei, principalmente, identificar quais as esferas em que os jovens projetam prioritariamente seu amanhã – trabalho, família, consumo, etc.; qual a extensão de seu horizonte temporal – ou seja, a existência ou não de projetos a curto, médio e longo prazo; e, por fim, a relação que eles estabelecem entre presente e futuro, isto é, se traçam estratégias para conseguir seus fins ou se existe, pelo contrário, uma desconexão entre as ações do presente e as expectativas para o dia de amanhã. Se pensarmos em termos de agência juvenil, uma maior conexão entre presente e futuro sugere, a princípio, um maior controle dos jovens em relação a suas vidas. Essa idéia está presente em muitos trabalhos educativos voltados ao público juvenil, o que transparece na ênfase posta na construção de um “projeto de vida” como atividade central do processo educativo.

³ Como consequência da violência urbana. Discuto alguns desses casos em Franch (2008).



Todavia, se o futuro, em nossas sociedades, tende a se tornar cada vez mais incerto devido à rapidez com que os cenários se modificam, ter um “projeto de vida” deixa de ser um indicador automático de agência. Pode-se, inclusive, pensar que os jovens mais adaptados aos novos tempos não são necessariamente aqueles que planejam tudo antecipadamente mas os que se movimentam no curto prazo, de forma a aproveitar as oportunidades de cada momento. Essa parece ser a conclusão a que chegam alguns estudos feitos na Europa (LECCARDI, 2005b; LASÉN, 2000), que também demonstram, entretanto, como a facilidade para aproveitar as oportunidades depende muito dos recursos com que cada jovem conta, notadamente seu capital cultural e social. Os jovens com os quais trabalhei não possuem, via de regra, os mesmos recursos (culturais, econômicos e sociais) que muitos dos jovens europeus mencionados nesses estudos. A “falta de oportunidades” é um mote constante em seus relatos, o que constitui um desafio na hora de projetar, imaginar e construir seu futuro.

2. O futuro não é um só: pluralidade de orientações temporais juvenis

Nas próximas páginas, apresentarei ao leitor alguns aspectos da construção simbólica do futuro entre os jovens entrevistados. A pesquisa revelou a existência de uma pluralidade de práticas e sentidos atribuídos pelos jovens a essa dimensão temporal, indo desde o planejamento a longo prazo até perspectivas mais imediatas da ação. Além disso, a dimensão do futuro revela-se polissêmica, servindo tanto para a orientação das ações como para a afirmação de valores e formas de estar-no-mundo que só fazem sentido a partir da posição dos sujeitos no presente. Certeza, incerteza, linearidade, mas também dificuldades ou mesmo indiferença em relação ao futuro, compõem o retrato desta dimensão das temporalidades juvenis, que apresentarei a partir das orientações mais comuns encontradas em campo.

a) Futuro longo: linearidade e projeto na experiência juvenil

Nascida num pequeno município da zona da mata pernambucana, Mara⁴ gostava muito de falar sobre como seria seu futuro. Essa jovem, de 15 anos de idade, tinha

⁴ Todos os nomes de entrevistados foram trocados, para dificultar sua identificação.



objetivos a curto, médio e longo prazo, quase todos ligados à formação escolar. Quando a conheci, estava se preparando para entrar no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), mas não conseguiu passar no exame, ao qual concorreram mais de quatro mil candidatos. Estava também matriculada num curso de informática num centro profissionalizante próximo de seu bairro, e aguardava, ansiosa, pelo começo das aulas. Um ano depois de nosso primeiro encontro, Mara conseguiu entrar numa boa escola técnica, onde começou a estudar o curso de química. A médio prazo, a jovem queria se especializar em biologia marinha, o que pretendia conseguir se alistando no Exército, uma vez que cursar uma universidade era incompatível com suas condições muito apertadas de subsistência. Apenas depois de discorrer longamente sobre esses planos, Mara lembrava que, no futuro, também gostaria de casar e de ter dois filhos. Esse projeto, contudo, era o mais indefinido (às vezes falava que queria morar sozinha), pois somente se concretizaria, segundo ela, depois de ter “estabilidade”, lá para os 30 anos de idade. Era, igualmente, o que acreditava ser mais difícil de conseguir pois, enquanto o trabalho dependia somente de seu esforço (“A força de vontade vence tudo”), “encontrar um marido perfeito” não era nada fácil. Mara não tinha dúvidas de que conseguiria seu objetivo e falava freqüentemente em termos assertivos sobre ele: “Vou ser bióloga da Marinha”.

O caso dessa jovem, moradora de uma das três localidades estudadas, constitui o protótipo de uma representação de futuro que, para efeitos de contraste, podemos denominar “modelo moderno” ou “modelo da primeira modernidade”: o futuro é projetado numa linha reta a partir de um “projeto de vida”, que relaciona as ações presentes com as futuras, dando destaque à carreira profissional. Trata-se de um “futuro longo”, pois abrange vários anos, coincidindo com o processo de transição à vida adulta. Seus princípios básicos são aqueles da percepção do futuro surgida na primeira modernidade – causalidade e linearidade (ARAÚJO, 2005) – tornando essa representação condizente com a imagem da juventude como uma época preparatória para a idade adulta. O mecanismo de “diferimento das recompensas” (LECCARDI, 2005b, p.35), que subordina o presente ao futuro sonhado, está igualmente na base dessa orientação temporal.

A valorização da educação formal, a ideologia meritocrática, a percepção do trabalho como um veículo para a realização pessoal e, por fim, a subordinação da vida



familiar à consolidação da esfera profissional nos informam que estamos diante de uma constelação de valores própria do individualismo moderno (DUMONT, 1985). Outrora limitada às classes médias (DUARTE, 1988; HEILBORN, 1984; SARTI, 1996), hoje vários estudos indicam que essa ideologia também pode ser encontrada nas camadas populares, embora não isenta de tensões (BARROS; MACHADO, 2007; DUARTE, 2005; HEILBORN et al., 2006; SCOTT, 2001). Existe, por trás dos sonhos de Mara e de outros jovens de “futuros virtuais” semelhantes, uma expectativa de ascensão social pelo estudo e pelo esforço pessoal, o que implica uma visão de “futuro aberto”, herdeira dos ideais de progresso construídos na modernidade: “O tempo aberto e irreversível do futuro avança, sem incertezas, na direção de um indiscutível melhoramento” (LECCARDI, 2005b, p.38).

A meritocracia, isto é, a idéia de que os indivíduos conseguem sua posição na sociedade graças a seu desempenho individual, sem fazer uso de privilégios hereditários ou corporativos (BARBOSA, 2001, p.22), é um forte componente da visão causal e linear do porvir entre aqueles entrevistados que têm representações de “futuro longo” – e, de resto, em muitos dos jovens entrevistados. Trata-se de um valor transmitido de geração a geração mas que freqüentemente esbarra na estrutura desigual de oportunidades que os jovens enfrentam. Roberto, assistente de serviços gerais numa rede de supermercados, fala deste modo dos conselhos que recebia em casa:

Aprendi com minha mãe que se a pessoa quer uma coisa, tem que ir em frente, tem que lutar, né, se esforçar pra ter as coisas, ter muita fé em Deus, né, e lutar pelo que a gente quer. A pessoa ter um ideal de uma vida melhor, mais organizada. Meu pai, eu aprendi também um pouco do serviço dele e que a pessoa tem que trabalhar pra se esforçar.

A ênfase no trabalho e no esforço pessoal faz sentido, sobretudo, para aqueles que não podem contar com as benesses dos privilégios adquiridos. Ao invés do recurso a um Estado forte e redistributivo, o apelo à fé. Diante das dificuldades da vida, esforço e luta. Dos três elementos constitutivos da noção de desempenho (talento, habilidade e esforço), tão cara à ideologia meritocrática (BARBOSA, 2001), o esforço é talvez o que mais aparece na fala dos jovens que apresentam uma visão linear do futuro, reforçando a permanência de uma forte ética do trabalho entre eles. Entretanto, o empenho e a habilidade não são suficientes quando não existe “a oportunidade”. A linearidade desse



tipo de projeção de futuro encontra-se ameaçada pelas circunstâncias concretas que dificultam que os jovens tornem seus projetos realidade. Nesse sentido, podemos compreender um aspecto muito singular nesse tipo de orientação temporal: a convivência de uma visão individualizante do futuro, em que o porvir é resultado do próprio esforço, e de uma outra religiosa (“ter muita fé em Deus”) que indica, em última instância, que os desígnios do futuro não dependem exclusivamente das ações dos homens.

b) Futuros oníricos: quando presente e futuro se desencontram

Um segundo tipo de representação do futuro pode ser classificada a partir de sua ênfase no sonho, ao invés do projeto. Num dos questionários aplicados, um garoto de 17 anos escreveu a seguinte frase: “Adolescente é uma pessoa que ainda tem muito sonho”. Crescer seria, necessariamente, deixar de sonhar? Qual seria a medida de tal crescimento? A idade? O casamento? Os filhos? E como saber quando um sonho é o germe de um projeto e quando não passa de uma ilusão fantasiosa, situada no terreno da mais pura imaginação? Qualquer resposta dada a essas questões é necessariamente incompleta. Afinal, se bem não é verdade que a vida, como queria o dramaturgo espanhol, seja apenas um sonho, é provável que sonhar seja a maneira mais comum de imaginar o futuro ou, simplesmente, de nos projetarmos para além do cotidiano. Nas narrativas juvenis, o sonho parece cumprir esse duplo papel, de um lado servindo de incentivo para o presente, de outro permitindo “brincar” com a realidade, ensaiando outras identidades que não as habituais. É nesse segundo sentido que o sonho se desconecta do presente, e o futuro deixa de corresponder à percepção linear que foi anteriormente descrita.

Hogne Øian (2004) descreve esse tipo de orientação temporal a partir da idéia de “futuro espacializado”, tomada de empréstimo do trabalho de Pierre Bourdieu (2000) junto aos kabila. Para esse povo argelino, o futuro encontra-se num lugar situado “atrás das montanhas” e não guarda qualquer conexão com aquilo que acontece no dia-a-dia. Øian acredita ter encontrado uma representação semelhante do futuro em Linda, uma jovem norueguesa desempregada, que projeta para si futuros desconectados de seu cotidiano, e que mudam ao longo do tempo. Embora o autor não use essa expressão,



pareceria que os sonhos de futuro atuam, para essa jovem, como uma espécie de *alter ego*, permitindo-lhe se apresentar aos outros de uma forma diferente, e muito mais interessante, de quem ela é. Porém, é também através desses futuros inventados que a jovem se identifica com certos valores e estilos de vida, servindo os sonhos como uma via para seu auto-conhecimento: “As pessoas desempregadas podem operar com imagens delas mesmas como pessoas de sucesso no futuro e usar essas imagens na construção de identidades, tanto em termos de auto-compreensão como de auto-apresentação” (ØIAN, 2004, p.183). Como se vê, embora a idéia de Øian se aproxime daquela de “homem sem futuro” de Bourdieu, ao fazer uma análise semântica dos “futuros especializados”, emerge uma dimensão mais criativa e significativa dos sonhos e ilusões dessa adolescente, que pode ser de muita utilidade para a análise dos “futuros oníricos”.

Encontrei representações semelhantes às aquelas descritas por Øian entre muitos jovens que participaram desta pesquisa, sobretudo (mas não apenas) entre os mais novos. Jovens que moravam numa favela próxima de um shopping center sonhavam em trabalhar nas lojas desse centro, onde poderiam conviver cotidianamente com todos aqueles objetos que despertavam seus desejos: as comidas, as roupas, os perfumes. Interessante que, nesse grupo, a jovem Jade, de 16 anos, que se intitulava “a voz da experiência”, considerava as idéias de suas colegas como simples desvarios adolescentes e sonhava para si com um futuro como secretária ou algum outro emprego de “colarinho branco”. De todo modo, fantasiar futuros nessa idade da vida (as garotas contavam com 11 a 15 anos) não é algo tão estranho, uma vez que ainda se tem poucos elementos quanto aos caminhos que é possível trilhar.

Futuros especializados são também os sonhos de se ter uma profissão de sucesso (advogado, juiz, médico, etc.) por parte daqueles jovens que, por sua escolaridade comprometida ou pelo seu estilo de vida, claramente não chegarão à universidade. Carol estava nessa situação. Com 19 anos de idade e sem ter concluído ainda a oitava série, essa jovem acalentava o sonho de ser médica, embora estivesse fazendo, quando a conheci, um curso profissionalizante de panificação oferecido no seu bairro. Em casos como esse, a profissão sonhada pode ser vista como uma forma de construir uma identidade no presente (ØIAN, 2004) ou como resultado da dificuldade de pensar num



futuro provável, devido à falta de capital escolar, simbólico, relacional e/ou econômico (BOURDIEU, 1998) – ou ainda ambas as coisas.

Futuros oníricos não necessariamente ligados a profissões universitárias apareceram nas entrevistas de muitos jovens. Paulo, de 22 anos, gostava de fantasiar que algum dia apareceria um “olheiro” no campo onde ele e seus colegas jogavam futebol de várzea – apesar de ter passado da idade em que as novas promessas do futebol costumam ser reveladas. Laura, por sua vez, sonhava em ser uma renomeada cantora de gospel, sonho acalentado em suas idas à igreja, onde se afastava de um cotidiano enfadonho e com poucas compensações. Nesses casos, o futuro parece colocar-se a serviço do presente, enfatizando as representações da juventude ligadas ao lazer e à diversão em detrimento da dimensão preparatória vista anteriormente. Tais ensonhações trazem, por vezes, o elemento da fama, do reconhecimento, do sucesso econômico, a expectativa de se destacar em relação aos outros, de se singularizar graças ao talento ou a um golpe de sorte:

Gosto de jogar [futebol], sonho um dia ser, minha idade já estorou pra ser profissional, mas pra treinar em clube, quem sabe eu treinando por aí um olheiro me vê e gosta do meu futebol, e me leva pra jogar em algum lugar [...] A gente nunca sabe que tem [um olheiro por perto], a gente joga num local e nunca pensa que tem, aí de repente ele chama você. (Paulo, 22 anos).

c) “Quando a idade vai chegando”: construindo os futuros possíveis

Algumas circunstâncias parecem tornar os jovens mais pragmáticos em suas idéias e planos para o futuro: entrar no mundo do trabalho e, sobretudo, tornar-se responsável por uma família. Tais circunstâncias são às vezes traduzidas com a expressão “quando a idade chega” ou “quando a idade vai chegando” – expressão que, dependendo do contexto, pode também definir o processo de envelhecimento. A idade cronológica joga igualmente um papel na mudança na forma de representar o futuro, não apenas pelo amadurecimento psicológico (que depende de muitas variáveis, não necessariamente relacionadas à idade), mas pela pressão social no sentido de assumir certas responsabilidades na vida, principalmente constituir família e conseguir os meios para sustentá-la.



É entre esses jovens que encontramos mais planos a curto prazo, porém conectados com o presente. Trata-se de uma orientação próxima da idéia de “presente estendido”, que Helga Nowotny (1989) acredita ser um traço marcante nas temporalidades contemporâneas, uma vez que o futuro tem se tornado cada vez menos passível de controle pelos indivíduos. Todavia, se essas situações podem ser novas para os jovens europeus, elas parecem fazer parte do modo como os grupos populares construíram historicamente suas estratégias de reprodução material e simbólica, em consonância com visões mais presenteístas da vida social, como sugerido por Hoggart (1973).

Muitos jovens têm planos de futuro (ampliar uma casa, comprar um terreno, constituir sua família), mas não sabem quando poderão concretizá-los, uma vez que sua realização depende da conjunção de uma série de circunstâncias que vão além da vontade individual, envolvendo freqüentemente o apoio de terceiros. O que parece ser novo nessas “estratégias da indeterminação” (LASÉN, 2000) é a expectativa de que vida se desenrole conforme um esquema linear e causal, não tanto as formas de tornar o futuro realidade, paulatinamente, do modo como a vida vai permitindo. Também forma parte dos novos cenários a pluralidade de recursos com que os jovens contam para tentar construir seus futuros, que vão desde as redes de apoio dantes existentes (família, parentes, vizinhos) à escola e os projetos para jovens, sem falar na nova economia das drogas. Essa multiplicidade de opções, mais presente em alguns lugares que outros, alimenta a visão de “futuro aberto”, que não necessariamente encontra equivalência no plano concreto.

O caso de Saulo é um bom exemplo de como funcionam as estratégias no “presente estendido” dos jovens entrevistados. Como tantos outros jovens, Saulo começou a trabalhar ainda na infância, quando tinha oito anos de idade, junto com seu tio, que era marceneiro. Interessado na profissão, fez um curso profissionalizante que lhe possibilitou começar a trabalhar numa firma, fazendo móveis. Contudo, a invasão dos móveis tubulares no Recife arruinou boa parte dessas pequenas empresas, deixando Saulo desempregado. Depois de tentar a sorte no negócio de marcenaria de um colega, o jovem terminou abrindo uma barbearia na casa dos pais, pois aprendera os rudimentos dessa profissão com um primo. Quando nos conhecemos, perguntei-lhe o que pensava do futuro. Saulo manifestou seu interesse em ampliar a barbearia que lhe permitia uma



sobrevivência confortável para sua vida de solteiro. Meses depois, o retorno de um primo que moravam em São Paulo fez com que seus planos mudassem, e esperava, agora, ser incorporado no futuro salão que este pretendia abrir num bairro próximo ao Vietnã. Abertura para aproveitar as oportunidades do presente, multiplicidade de recursos para construir suas estratégias (cursos, família) e uma dependência de situações externas incertas compõem o retrato das estratégias de futuro de Saulo e de outros jovens como ele, que precisam ser “mil utilidades” para traçar seus caminhos na vida.

d) Jovens sem futuro? O “fim dos tempos” de quem vive nas margens

Por fim, muitos jovens mostram desinteresse em falar sobre o futuro, recorrendo a frases como “o futuro a Deus pertence”, que sugerem a permanência de uma idéia de destino em que o porvir foge aos desígnios humanos. Todavia, isso não quer dizer que não tenham idéias ou estratégias direcionadas ao dia de amanhã, nem penso que possamos nos contentar com essas expressões para retomar as tão criticadas teses do fatalismo. Porém, pode acontecer que o futuro não seja para alguns jovens uma dimensão muito significativa, sobretudo a longo prazo. Contrariamente, a curto prazo é comum que eles alimentem pequenos projetos, desde ir à praia no final de semana, a sair à noite, entrar num curso, comprar uma roupa, visitar um amigo, namorar. Pequenos projetos que mostram uma valorização do instante, do presente que se justifica por si mesmo, sem precisar de um sentido externo ou de uma direção. Se o “futuro longo” traduzia uma temporalidade moderna, baseada no princípio da linearidade e da causalidade, os presentes sucessivos, feitos de pequenos projetos que vão se tornando realidade, parecem condensar as características atribuídas aos futuros da segunda modernidade, em que a projetualidade a longo prazo tende a desaparecer.

Nesses casos, a noção de projeto muda em relação àquela que observamos nos jovens que seguiam um “futuro longo”. Como observa Amparo Lasén (2000, p.242), “Os projetos servem para alimentar o presente e não para programar o futuro. Transformam-se em objetos virtuais que integram os devaneios e o imaginário. Partilhados e criados em comum, ajudam a criar vínculos e não a fortalecer a identidade individual”. Se ao pensar no “futuro longo” encontrávamos eco na ideologia individualista moderna, baseada na meritocracia, esse outro tipo de orientação temporal



afina-se com uma visão de mundo que incorpora a dimensão do hedonismo, a busca de satisfação no aqui-e-agora, e a desvalorização dos sacrifícios, que não se justificam mais diante de um futuro incerto. Esses elementos costumam ser arrolados como próprios das novas formas do individualismo, que se afasta do modelo moderno originário na ética protestante e floresce em circunstâncias pós-modernas ou da modernidade tardia⁵. Do ponto de vista da organização das idades, enquanto o “futuro longo” remetia a um dos significados sociais mais comuns da juventude, como uma etapa preparatória para a idade adulta, a expansão do presente responde a outro dos significados socialmente atribuídos a essa fase da vida: a existência de uma maior disponibilidade para o lazer, para a sociabilidade e para a “curtição”.

Viver a curto prazo, numa série de presentes sucessivos, não parece ser um grande problema para muitos jovens, sobretudo quando áreas de incerteza biográfica (como o estudo ou o trabalho) se justapõem a outras em que a trajetória mostra-se mais definida (a trajetória familiar, por exemplo). Por outro lado, as “estratégias da indeterminação” situam-se frequentemente a serviço dos aspectos mais expressivos da vida social – a sociabilidade, o afeto, podendo conviver com áreas em que se constroem “futuros possíveis”. Há alguns casos, entretanto, que merecem uma atenção especial, por problematizar mais claramente a projetualidade biográfica levando aos limites uma orientação presenteísta, marcada pela falta de profundidade temporal. É quando as dimensões do risco se tornam mais presentes nas biografias dos jovens, a ponto do presente se tornar o único terreno possível para a imaginação, diante de um futuro que se desdobra entre os sonhos de grandeza e a possibilidade última da extinção física. Nesse sentido, as dimensões da incerteza e do risco, comuns nas discussões sobre a sociedade contemporânea, assumem um caráter específico entre os jovens estudados, que os separa claramente da vivência de jovens em outros contextos nacionais. É o que podemos ver no trecho da entrevista abaixo:

Mónica: Como vocês se imaginam no futuro?

Murilo: Marginal, tudo marginal. Eu me imagino no futuro no cemitério, aquele caixão de ouro...

Williams: É que nem a gente diz: a gente não tá mundo pra semente não, a gente não vai ser uma rosa mais na frente não, o mundo da gente não é feito de rosa não.

⁵ Utilizo pós-modernidade e modernidade tardia como equivalentes, apesar de ser ciente dos debates sobre essas questões. Foge aos objetivos desse artigo uma reflexão mais aprofundada sobre o assunto.



Mónica: É feito de que?

Williams: É feito de espinho.

Murilo: De barro, mas antes de eu ir já vai uns três ou quatro comigo. Já foi um, está pra ir mais um bocado.

Williams: Esse está perdido, esse está perdido, não tem jeito não.

Murilo: Antes de eu ir, eu vou, eu sei que eu vou mas vai comigo também.

Williams: Um dia a gente todinho vai comer areia no pé da casa, só não vai comer por causa da tampa de madeira, mas ainda a turma vai lá e tira!

Murilo: Ossada, só os ossos.

Mónica: Tá bom, todo mundo vai morrer um dia mas vocês pensam que isso vai acontecer quando?

Williams: O mais cedo possível.

Murilo: Eu não espero muito não e do jeito que o mundo tá aí...

Williams: Hoje em dia a gente não pode virar aqui na esquina e nem pode prever o futuro da gente, tanto faz a gente tá aqui conversando como a gente sair daqui pra ali, bei, morreu.

Murilo: Levar uma topada e morrer.

Williams: E ai, o que restou da gente? Nada...

Murilo: Só a entrevista.

Williams: Só a entrevista da fita, foto e lembrança.

A entrevista em questão aconteceu numa tarde de sábado. A foto a que Williams se refere foi tirada pela geógrafa Kate Gough, que realizou comigo algumas das entrevistas este trabalho. Escutando a entrevista retrospectivamente, percebo o incômodo que aquela conversa provocadora ocasionava em mim. Williams e Murilo estavam obviamente brincando comigo, explicitando interditos com vistas a chocar as “duas gringas” que estavam atrasando a hora da farra. Ao mesmo tempo, verdades eram ditas, e tudo aquilo só podia ser pronunciado porque existia enquanto possibilidade existencial para aqueles jovens. Ouvi-los falar da morte, contudo, não era fácil para mim, o que provocou perguntas não muito adequadas e respostas que, com o passar do tempo, mostraram-se proféticas. De Murilo, não tive mais notícias, mas Williams morreu perto de casa, em represália por ter roubado o celular de uma moradora do bairro. A fita, a foto e a lembrança aqui ficaram, fixando sua memória.

3. Considerações finais

Neste trabalho, discuti algumas das representações sobre o futuro que encontrei entre jovens moradores da Grande Recife, agrupadas a partir de alguns elementos que me permitiram contrastá-las. Ainda, é preciso lembrar que tais orientações não são



exclusivas ou definidoras de “estilos temporais” necessariamente opostos. Antes, elas convivem, às vezes se sucedendo no tempo (um jovem pode “sonhar” numa época e ser pragmático mais adiante ou, pelo contrário, voltar a “sonhar” numa nova fase da vida), outras definindo diferentes esferas (planejamento a longo prazo da vida profissional e incerteza em relação à vida afetiva, por exemplo).

Como tentei mostrar, as idéias dos jovens a respeito do futuro indicam a permanência de uma representação linear do tempo, ligada à percepção da juventude como um período preparatório para a vida adulta. Essa representação organiza o futuro a partir uma seqüência de etapas bem definidas, começando pela estabilidade econômica e terminando pela formação da própria família, seqüência que, no entanto, raramente se corresponde com a prática. Se relacionarmos esse tipo de representação com o individualismo moderno e com as condições de passagem à idade adulta tradicionalmente acionadas pelos jovens das classes médias, podemos talvez nos aventurar a pensar que existe uma adoção desse modelo entre os jovens estudados, que reflete também uma expectativa de melhora de vida a partir da idéia de “futuro aberto”. Contudo, o futuro longo e linear é apenas uma dentre as várias orientações encontradas. Muitos jovens empreendem estratégias de curto prazo, características do “presente estendido” (NOWOTNY, 1989), e que indicam sua maleabilidade para lidar com as incertezas em sua frente. As dificuldades para se inserir no mundo do trabalho e formar uma família são hoje, talvez, maiores do que aquelas que outras gerações enfrentaram. Contudo, não se pode dizer que essas circunstâncias sejam totalmente novas para eles, e é por isso que o recurso a redes de parentesco, amizade e vizinhança termina se mantendo como uma estratégia fundamental para construir o futuro.

Por outro lado, as perspectivas mais imediatistas de vida apenas se verificam, e nem sempre de modo exclusivo, no caso dos poucos jovens envolvidos com a criminalidade, o que mostra o alto conteúdo de risco envolvido nessa forma de vida. Todavia, sonhos, expectativas de futuro e projetos a curto, médio e longo prazo estão presentes em todos os jovens, mesmo entre “os jovens errados”, sugerindo a importância dessa dimensão temporal como importante perspectiva das experiências juvenis que modela fortemente o significado social da juventude nas periferias das cidades brasileiras.



Agradecimentos

As reflexões contidas neste artigo são devedoras de muitas contribuições. Não poderia deixar de agradecer a Rosilene Alvim, do PPGSA/UFRJ, pela orientação da minha tese, e a Anne Line Dalsgaard (Universidade de Aarhus) e Katherin Gough (Universidade de Copenhague), com quem realizei algumas das entrevistas narradas ou citadas neste trabalho.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, E. R. O conceito de “futuro”. *Actas de Seminário “O Futuro não pode começar”*. Braga: Núcleo de Estudos de Sociologia, Universidade do Minho, 2005.
- BARBOSA, Livia Neves de Holanda. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.
- BARROS, Myriam Lins; MACHADO, Maria das Dores Campos. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre as mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife: UFPE, 2007.
- BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
_____. *Esquisse d’une théorie de la pratique*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.
- BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. *O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006, p.156-206.
- DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* (2ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ CNPq, 1988.
_____. *Ethos privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira*. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p.137-176.
- DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- FRANCH, Mônica. *Tempos, passatempos e contratempos*. Um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.



HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008.

HEILBORN, Maria Luisa. *Conversa de portão*. Juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

_____. et al. (org.) *O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006, p.156-206.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura 1*. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

KRISTEVA, Julia. Women's time. *Signs*, 7, 1981, p.5-35.

LASÉN, Amparo. *A contratiempo*. Un estudio de las temporalidades juveniles. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000.

LECCARDI, Carmen. *Orizzonti del tempo*. Esperienza del tempo e mutamento sociale. Milão: FrancoAngeli, 1991.

_____. Facing uncertainty. Temporality and biographies in the new century. *Young*, v. 13 (2):123-146, 2005a.

_____. Por um novo significado do futuro. Mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, p. 35-57, 2005b.

_____. Gender, time and biographical narrative. *Journal of Social Science Education*. Disponível em http://www.jsse.org/2005-2/gender_leccardi.htm. Acessado em: 10/04/2006.

LESHAN, L.L. Time orientation and social class. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 1952, 47, 589-92.

NOWOTNY, Helga. *Le temps à soi*. Genèse et structuration d'un sentiment du temps. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 1989.

ØIAN, Hogne. Time out and drop out. On the relation between linear time and individualism. *Time & Society*, Vol. 13, n.2/3, 2004, p. 173-195.

O'RAND, A.; ELLIS, R.A. Social class and social time perspective. *Social forces*, 1974, p.53-61.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996

SCOTT, Russell Parry. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as etapas do ciclo vital? *Interface*, v.5, n.8, 2001, p.61-72.